

# O eco de fantasmas: perpetuação da misoginia no cânone

*The Echo of Ghosts: Misogyny Perpetuation in the Canon*

Thalita da Silva Coelho



ANTUNES, Luísa Marinho.

*As malícias das mulheres: discursos sobre poderes e artes das mulheres na cultura portuguesa e europeia.*

Lisboa: Esfera do Caos, 2014. 236 p.

Pandora, a primeira mulher, criada por Zeus com o objetivo de trazer ao mundo o equilíbrio entre bem e mal, é a figura contrária ao homem: por trás da aparência bela e virginal, reside o mal que é capaz de descumprir uma ordem divina de jamais abrir a caixa que continha as desgraças do mundo – caixa esta que pode facilmente ser entendida como uma metáfora para o órgão sexual feminino. A ideia de que as mulheres se aproveitam de sua beleza e sensualidade para seduzir e manipular homens e de que são astuciosas e inteligentes – mas sempre para atividades nefastas – mesmo que consideradas inferiores ao seu oposto, aparece nos textos de Hesíodo, será herdada pela tradição judaico-cristã e, conseqüentemente, repetida no mundo com a força de uma verdade absoluta, principalmente por conta do domínio da Igreja Católica sob o ocidente.

Nas raízes do catolicismo estão crenças greco-romanas e judaicas, as primeiras, como nos conta Michel Foucault (1998), eram baseadas na moral aristotélica que afirmava caber ao homem o papel de mandar e à mulher, o de obedecer. Esta máxima valia também no campo sexual: quem deveria dominar era a figura masculina e também era de sua responsabilidade a saúde do órgão sexual feminino, pois era a penetração e absorção do esperma que garantiria à mulher o orgasmo e um corpo saudável: “A penetração pelo homem e a absorção do esperma são para o corpo da mulher o princípio do equilíbrio de suas qualidades e a chave para o escoamento necessário de seus humores.” (FOUCAULT, 1998, p. 116).

Para o judaísmo não era muito diferente: suas bases eram patriarcais e à mulher cabia gerar, amamentar e cuidar dos filhos. Sobre a figura de Deus está sustentado um modelo de dominação que se tornará hegemônico, como diz Ivone Gebara (1991) sobre a tradição judaica:

De vez em quando alguém destoava do grupo e passava a chamar Deus de mãe, de Terra-mãe, de sabedoria infinita, de Mistério da Vida. Mas todos esses nomes e ‘jeitos’ diferentes de chamar Deus não eram muito freqüentes. Isso porque toda a organização política, social e religiosa desse povo repousava sobre os pais-chefes e, portanto, Deus tinha que continuar sendo o Grande Pai para que se pudesse manter a estabilidade social e religiosa do grupo. (GEBARA, 1991, p. 35 *apud* Rita de LIMA, 2010, p. 2).

Se a figura de Deus era a masculina, ser mulher se distanciava do divino. Nesse sentido, para Rita de Lima (2010, p. 3),

Qualquer mulher só pode se identificar com o Deus-Pai hebraico através da negação de sua própria identidade. Ser mulher passou a significar estar mais propensa ao mal, mais suscetível às ciladas do demônio. É neste contexto de sociedade patriarcal que se insere, portanto, a narrativa judaica da criação da mulher depois do homem e a partir dele (da costela), e o mito judaico do pecado original, no qual a mulher se torna responsável pelo pecado e sofrimento da humanidade.

Este processo de citação e rememoração de crenças, concretizado na Igreja Católica e no seu domínio sobre o ocidente a partir do século IV, é um exemplo do que encontramos no livro *As malícias das mulheres – discursos sobre poderes e artes das mulheres na cultura portuguesa e europeia*, em que Luísa Marinho Antunes, Doutora em Literatura Comparada pela Universidade de Madeira, realiza uma trajetória a partir de textos religiosos, literários, filosóficos, jurídicos e científicos, apontando historicamente a construção e enraizamento da misoginia. Apesar de uma análise eurocentrada, à medida que adentramos às linhas de Luísa, percebe-se um olhar cuidadoso para as partes que compõem aquilo que é cânone e, portanto, é citado na maioria da literatura contemporânea. Esse desmembramento dos modelos universais é necessário para compreender o poder da literatura canônica, já que propaga, dentre tantas discussões pertinentes, uma boa dose de misoginia, como é possível notar no discurso de Platão: segundo o autor de *Registro Y Estado*, o filósofo grego “dava graças a Deus de três coisas: ser grego e não bárbaro, ter nascido homem e não animal, ser homem e não mulher” (Luísa Marinho ANTUNES, 2014, p. 22). Durante a leitura da obra de Luísa Marinho Antunes (2014), como bem aponta a autora, percebemos que discursos distintos, praticamente compostos por vozes masculinas, convergem para construir um imagético sobre a figura da mulher.

A obra de Antunes é dividida em três grandes capítulos, cada qual com suas subdivisões: “Obras, autores, diálogos, tratados e disputas nas malícias femininas”; “Faladoras, enganadoras, infiéis, traidoras, falsas e pecadoras: *topoi* mais característicos” e “O confronto português entre os sexos: reciprocidade nas acusações”. Além dos três eixos principais de discussão, o livro ainda apresenta uma parte considerável de excertos literários datados de 1738 a 1805 e uma bibliografia para quem se interessar em estudar os textos de malícias ou os textos de defesa das mulheres.

Na primeira parte, “Obras, autores, diálogos, tratados e disputas nas malícias femininas”, dá-se conta do panorama geral sobre os discursos referente à malícia das mulheres, analisando pontos que se destacam na história, como a estética medieval, os *topoi* da figura feminina e a evolução científica dos séculos XIX e XX. Inicia-se o panorama pela cultura greco-latina, passando pela Idade Média, inclusive pela figura da mulher diabólica, a bruxa, delineada em detalhes no *Malleus Maleficarum*, o manual de caça às bruxas na Inquisição.

“Faladoras, enganadoras, infiéis, traidoras, falsas e pecadoras: *topoi* mais característicos”, a segunda parte do livro, aborda a tradição portuguesa dos textos das malícias, em sua grande maioria publicado em folhetos; é também nessa seção que Luísa Marinho Antunes apresenta os *topoi*, estereótipos femininos perpetuados através dos discursos canônicos.

Por último, “O confronto português entre os sexos: reciprocidade nas acusações”, a terceira parte do livro, traz a resposta das mulheres às acusações de malícia, provenientes de textos datados dos séculos XVIII a início do XX. Nesse momento, prova-se que as mulheres, agora com a possibilidade de se pronunciarem, revoltam-se e defendem-se, muitas vezes utilizando a acusação aos homens como arma. Luísa analisa os argumentos utilizados dos dois lados, em respostas e contra-respostas.

Como excerto do livro estão disponíveis para leitura diversos textos que a autora cita no decorrer de seu discurso, tanto aqueles que trazem a malícia das mulheres quanto textos de defesa, entre os quais se encontra o discurso de resposta que duas mulheres portuguesas fazem a um texto de um brasileiro em 1789.

Ao longo dos capítulos, *As malícias das mulheres...* lembra o movimento feito por Thomas Laqueur em *Inventando o sexo: corpo e gênero dos Gregos a Freud* (2001). Nesse livro, o historiador e sexólogo faz um panorama histórico de diferentes concepções sociais e científicas acerca de sexo e gênero, o que nos possibilita observar que nem sempre as visões sobre sexo biológico e gênero acompanharam descobertas científicas e da medicina, mas estavam muito mais condicionadas aos contextos sociais de seu meio. Novamente, as construções sócio-históricas imbricam-se para dar base ao que será perpetuado e repetido século após século.

Luísa utiliza a ideia de *topoi*, advinda da dialética de Aristóteles: um senso comum utilizado como ponto de partida para a argumentação. Para a autora, as mulheres foram representadas a partir de dois estereótipos desde os gregos antigos: a mulher santa e a mulher demônio. A primeira é uma figura materna, cuidadosa, submissa, que nos lembra muito a Virgem Maria; a segunda é maliciosa, sexual, ardilosa, características associadas a Eva. Os dois exemplos dados são da tradição cristã, mas os exemplos de mulheres que se encaixam nesses *topoi* são muitos e aparecem, inclusive, na mitologia greco-latina, que muitas vezes teve sua essência absorvida pela Igreja Católica: Penélope é a mulher pura, honesta e fiel que espera o retorno do marido ao lar; Helena de Troia, a mulher mais linda do mundo, é apontada como a causa da ruína da cidade. Desde a

Antiga Grécia até a contemporaneidade, o pensamento masculinista não vê meio termo, as mulheres sempre ocuparam estes dois modelos maniqueístas. Acontece que a própria existência desses dois estereótipos nos diz muito mais sobre os receios dos homens em relação às mulheres do que sobre a mulher especificamente: a tentativa de condicionar o espaço feminino a dois tipos de personalidade, uma submissa, a outra maléfica, a primeira deve sempre ser resiliente, a segunda torna-se inimiga da bondade, consequentemente inimiga do homem, feito a imagem de Deus. Nenhum dos dois lugares permite a mulher ser melhor do que o homem, permanece sempre observando a tudo de baixo.

Se na Idade Média toda a sociedade é explicada a partir de Deus, no Renascimento há uma guinada em direção à Ciência e um rompimento com ideias puramente religiosas. Embora isso pareça significar imparcialidade e fim de preconceitos, sabemos que o saber científico não advém do nada, mas nasce impregnado pela lógica social e, por conseguinte, teológica. Laqueur (2001) destrincha os conceitos científicos sobre sexo e percebe como ciência, mitologia e religiosidade se misturam na biologia com o modelo do sexo único, vigente no período pré-Iluminista:

O modelo do sexo único seria de um mundo onde pelo menos dois gêneros correspondem a apenas um sexo, onde as fronteiras entre masculino e feminino são de grau e não de espécie, e onde os órgãos reprodutivos são apenas um sinal entre muitos do lugar do corpo em uma ordem cósmica e cultural que transcende a biologia (LAQUEUR, 2001, p. 41).

A partir da premissa de que as categorias homem e mulher surgiram do social com a intenção de definir relações de poder e de que o saber científico muitas vezes esteve a serviço da manutenção do poder masculino, é possível analisar a propagação das ideias misóginas tanto nos exemplos trazidos por Luísa Marinho Antunes (2014) quanto no livro de Thomas Laqueur (2001), em especial quando observamos que o modelo do sexo único só foi substituído pelo dimorfismo sexual no século XVIII, quando o determinismo biológico passou a ser a justificativa incontestável para a existência de diferenças culturais e sociais.

Se ciência, teologia e cultura se fundem e ditam regras, sustentando um modelo patriarcal e patrilinear, o fenômeno que torna capaz tal acontecimento é a memória intertextual, ou seja, a informação repetida construindo a memória coletiva, sendo este um dos pontos mais importantes do livro de Luísa Marinho Antunes. A autora define a memória intertextual, resumidamente, como o reverberar de textos através da história, e não só dos textos, mas de seus conceitos e informações que, sabemos, estão condicionados a um contexto sócio-histórico e político.

Nas linhas do livro de Antunes, percebemos: a construção de um cânone baseando-se em regras sociais hierárquicas, e este cânone será repetido e repetido, ano após ano, século após século e seu resultado será uma voz hegemônica que nada mais é do que o eco de fantasmas. É este conceito que nos proporciona a repetição de autores canônicos e de suas vozes. O discurso é construído a partir de uma intertextualidade, inclusive aquele que segrega e perpetua o *status quo*, criando raízes na história e ganhando espaço como modelo a ser seguido. A partir do entendimento dessas entrelinhas e das origens de sistemas hierárquicos é que ganhamos força no embate para extinguir estruturas de opressão.

## Referências

ANTUNES, Luísa Marinho. *As malícias das mulheres: discursos sobre poderes e artes das mulheres na cultura portuguesa e europeia*. Lisboa: Esfera do Caos, 2014.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres*. Trad. de Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

LAQUEUR, Thomas. *Inventando o Sexo: Corpo e gênero dos gregos a Freud*. Trad. de Vera Wathely. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

LIMA, Rita de Lourdes de. "O imaginário judaico-cristão e a submissão das mulheres". In: FAZENDO GÊNERO, 9, 2010, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: 2010. p. 1-9. Disponível em: [http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277853385\\_ARQUIVO\\_comunicoraltrabcompleto\\_Genero.pdf](http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277853385_ARQUIVO_comunicoraltrabcompleto_Genero.pdf). Acesso em: 25/03/2018.

Thalita da Silva Coelho  0000-0003-4091-8062

Doutoranda em Teoria Literária (linha de pesquisa Crítica Feminista e Estudos de Gênero) É vinculada ao nuLIME (núcleo Literatura e Memória). Recentemente, publicou o livro de poesia lésbico e feminista *Terra molhada* (Editora Patuá, 2018).  
Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-graduação em Literatura  
R. Eng. Agrônomo Andrei Cristian Ferreira, s/n, Trindade

Florianópolis – SC – Brasil  
(48) 3721-9000 – ppglitufsc@gmail.com

thalitasilvacoelho@gmail.com

#### COMO CITAR ESSE ARTIGO DE ACORDO COM AS NORMAS DA REVISTA

COELHO, Thalita da Silva. “O eco de fantasmas: perpetuação da misoginia no cânone”. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 27, n. 1, e56309, 2019.

---

#### CONTRIBUIÇÃO DE AUTORIA

Não se aplica

---

#### FINANCIAMENTO

CNPq

---

#### CONSENTIMENTO DE USO DE IMAGEM

Não se aplica

---

#### APROVAÇÃO DE COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

Não se aplica

---

#### CONFLITO DE INTERESSES

Não se aplica

---

#### LICENÇA DE USO

Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

---

#### HISTÓRICO

Recebido em 10/04/2018

Aceito em 30/06/2018

---

